

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DURANTE A PANDEMIA – ENTREVISTA COM ALEXANDRE BARRETO

O encontro com o professor Alexandre Barreto estava certo de acontecer pela manhã, mas pouco antes do horário combinado precisei remarcar para o turno da tarde, então foi ele quem precisou de mais tempo para chegar. Ambos nos expusemos à rua e assim nos atrasamos. Com a pandemia do Covid-19, as saídas de casa precisam ser calculadas, a fim de aproveitar o tempo e executar o máximo de tarefas de uma só vez. Acertamos os ponteiros e nos encontramos na minha sala do aplicativo de reuniões *Zoom Cloud Meeting*, mantendo o protocolo de distanciamento social. Pode-se dizer que Barreto é a expressão da Comunicação Não Violenta (CNV), sua fala é tranquila e sensata, sua concatenação ao elaborar o discurso aponta quase sempre para um equilíbrio possível, quando desejado com verdadeiro comprometimento. Reconhecido como um dos grandes pesquisadores e entusiastas das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) do país, atua na busca pelo reconhecimento e oferta das PICS no Sistema Único de Saúde – SUS. Natural de Recife (PE), há onze anos reside com sua esposa e filhos no sertão nordestino em Petrolina (PE), é psicólogo graduado pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), onde coordena o Colegiado de Psicologia e ministra aulas no curso de Psicologia e na Residência Multiprofissional em Saúde da Família. Parte de seus estudos e atuação acadêmica concentra-se nas áreas da Psicologia Corporal e Educação em Saúde. Ao conversarmos sobre os desafios da Educação Pública durante a pandemia, Barreto afirma que esta é uma crise ainda maior por somar uma condição de extrema fragilidade sanitária mundial à gestão perversa do “bolsonarismo” no Brasil: Este Governo almeja o enfraquecimento intencional das instituições e universidades públicas brasileiras. A seguir, a íntegra da entrevista concedida pelo professor à Revista ComSertões.

Revista ComSertões — Quais são os desafios para a manutenção das aulas *online* na UNIVASF, no contexto da pandemia ocasionada pelo Coronavírus?

Alexandre Barreto — Tem vários aspectos aí. Na nossa universidade, o curso de Psicologia ao qual estou vinculado e todos os cursos ao nível de graduação e pós-graduação aconteciam presencialmente. Então, esse contexto de pandemia foi muito impactante, porque a única possibilidade de continuidade moveu a mudança: a migração total de um ensino presencial para o ensino digital, em contexto online. Do ponto de vista prático, acho que isso tem uma série de implicações. Por exemplo, existe toda uma justificativa e uma estruturação, dos projetos

pedagógicos dos cursos, voltadas para a proposta de um ensino presencial. Tudo ficou em suspenso com essa questão do ensino online, com esse imperativo do Covid-19 e essa necessidade de continuidade no contexto online. É um aspecto muito delicado, que por um lado fere o projeto pedagógico do curso, pelo menos do ponto de vista do qual foi idealizado. Há ainda uma crítica importante que se tem acerca da não adequação do curso de graduação em Psicologia para a modalidade online. São críticas históricas que os Conselhos de Psicologia, que o Conselho Nacional de Saúde (CNS) e que a Associação Brasileira de Ensino em Psicologia (ABEP) têm em relação a essa ideia de um curso de graduação em Psicologia poder acontecer de forma online. Ao mesmo tempo essa situação foi um imperativo e a gente teve que se adaptar a ela de imediato. Diante disso, fica o medo, uma preocupação, do ponto de vista ético e político, com a qualidade do ensino, com a qualidade da formação dos graduandos. Essa preocupação tem uma relação direta com as críticas que estão na base da formulação do projeto pedagógico de um curso presencial. Por outro lado, a mudança representa uma abertura que a gente teve, e que não existia antes, para todas essas possibilidades que a gente está tendo de experimentar esses ambientes digitais.

Revista ComSertões — Pra esclarecer as perdas implicadas numa formação em Psicologia por ensino remoto, o senhor pode citar quais são as críticas do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e quais argumentos refutam a aprovação de um curso em Psicologia nesse formato?

As instituições que citei são contrárias à formação em Psicologia por ensino remoto, desde quando começaram a surgir as propostas de graduação em Educação a distância (EAD). Os Conselhos sempre estiveram afinados na sustentação de que é inviável uma formação em Saúde acontecer a distância. Uma vez que, quase todo cuidado em Saúde acontece de forma presencial, havendo a necessidade do profissional ter aproximação com o corpo, com o manejo desse corpo, efetuando os cuidados necessários. Os cursos em EAD atendem a interesses econômicos de faculdades particulares, havendo o receio do CNS de que estas empresas privadas estejam mais comprometidas com o financeiro do que com a dimensão ética, a qualidade do ensino e da formação dos profissionais em Saúde. Para o próprio campo da Psicologia, por trabalhar com uma dimensão tão íntima dos sujeitos e grupos, a necessidade da presença física e o manejo terapêutico, são fundamentais para que os alunos vivam experiências reais, com vivências concretas nos ambientes de estudo e trabalho.

Revista ComSertões — Como a universidade tem escutado as necessidades dos discentes?

Barreto — Eu percebo que a gente tem uma comunidade de estudantes, que estão ansiosos para não interromper a sua vida em seus processos formativos, nesse sentido demandam uma

continuidade e a continuidade possível, sendo online, eles desejam. Mas, por outro lado, temos uma dificuldade atravessada por questões objetivas do ponto de vista do acesso às aulas. É preciso ter uma boa internet, ter um bom equipamento, para que se possa estar incluído digitalmente e aproveitar da melhor forma os recursos disponíveis. Nesse caso muitos alunos têm limitações. Outra questão é a própria condição de vulnerabilidade atual, que envolve uma carga de tensão adicional com a crise desencadeada pela pandemia. Nosso distanciamento físico também produz certa fragilidade no vínculo pedagógico, no vínculo de trabalho e no acompanhamento desses estudantes. Eu tenho dado aulas numa disciplina que é obrigatória e apesar de ter uma adesão de matrícula de quase 100% da turma (cerca de 40 estudantes), eu tenho no máximo cinco alunos que abriram a câmera ao longo desse semestre. Eu tenho alunos que não reconheço a face, não vejo o rosto deles. A interação está comprometida, não tem a mesma intensidade das atividades presenciais. Isso pode ser atravessado também por uma limitação minha, uma inexperiência de trabalhar em ambiente digital. Os estudantes também não estão adaptados a esse formato, a própria instituição não está e nem os recursos que a gente tem disponíveis.

Revista ComSertões — Recentemente, o MEC publicou uma portaria no Diário Oficial da União que determinava a volta às aulas presenciais em janeiro, para as universidades e institutos federais. Em menos de doze horas após a publicação, a portaria foi revogada. Dar um norte e voltar atrás tem sido uma atitude recorrente nos ministérios do atual governo, como uma espécie de aferição na tomada de decisões. Como o senhor avalia tais atitudes?

Barreto — Este Governo almeja o enfraquecimento intencional das instituições e universidades públicas brasileiras. O atual presidente Bolsonaro, em sua gestão, deixa explícita a ideia de não desejar a continuidade do ensino universitário público e gratuito. Alguns usam o termo “necropolítica”(conceito cunhado pelo filósofo negro camaronense, Achille Mbembe, que questiona os limites da soberania, quando as decisões do Estado implicam a vulnerabilidade e até a morte dos desassistidos), que traduz bem o que vem acontecendo. Este governo quer terminar com esse modelo de universidade pública, então existe todo um movimento de normativas de legislações que ferem a autonomia universitária. Isso passa pela nomeação de reitores não eleitos democraticamente em diversas instituições, por uma redução cada vez mais acentuada do financiamento das universidades públicas, pela redução do financiamento de instituições e institutos de pesquisa, passa por uma narrativa de desqualificação de determinadas áreas do saber. Esse movimento é revertido em normativas e documentos que os ministérios procuram emplacar e produzir, sem que a população consiga perceber o real impacto. Nós já temos uma série de prejuízos, do ponto de vista

da assistência estudantil, por exemplo. Muitos estudantes que entram como cotistas sociais, que estão dentro de uma categoria social de maior vulnerabilidade, tem tido cada vez mais dificuldade de manutenção de seus cursos. Vivemos uma crise institucional na nossa UNIVASF. A gente tem um reitorado, uma gestão atual, que está lá por uma decisão jurídica e não por um processo de eleição que foi respaldado pela comunidade, mas por um conflito jurídico que ainda não foi resolvido. Enquanto isso, foi nomeado um reitor e esse reitor nomeou toda a equipe de pró-reitores, sem nenhum respaldo do conselho universitário.

Revista ComSertões — Em março, o governo Bolsonaro anunciou a restrição de acesso dos cursos de Ciências Humanas do edital de bolsas de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O edital publicado em 23 abril, claramente exclui as Ciências Humanas do incentivo e fomento à pesquisa científica. Qual a intenção em frear essa área do saber?

Barreto — Eu sinto que o campo das Ciências Humanas tem uma importância fundamental para a gente pensar a nossa sociedade, para a gente pensar a nossa cultura, pensar os nossos relacionamentos, e isso incomoda a um governo que tem tendências fortemente totalitaristas. Tem-se utilizado muito também a compreensão de fascismo sobre este governo. Reich, que é uma referência para mim, falava de como o fascismo se sustenta a partir do medo, e em última instância um medo da liberdade. É fascismo se sustenta quanto mais se produz modos e instituições que procuram cercear, controlar os hábitos, impor uma moralidade social sobre o que seria adequado ou não, controlar os pensamentos e a regulação do que se pode ou não pensar, do que é ou não é aceito. Ele atua desejando impor uma moralidade nos costumes, uma moralidade de uma série de questões e, fundamentalmente, desapropriando a responsabilidade dos sujeitos pela sua própria existência, pelas suas próprias escolhas, marcando isso como algo que deve acontecer com ação coercitiva ou por meio do controle de determinadas instituições, sejam elas a igreja, a política, a polícia, o estado em suas diversas manifestações. O ideário extremamente moralizante de família que esse governo sustenta, é um exemplo de como o fascismo se instala na população. As Ciências Humanas e também as Ciências Sociais são campos do saber que não conseguem engolir esses acontecimentos. A gente precisa estudar os comportamentos sociais e entender, por exemplo, as *fake news* e o que elas dizem sobre a sociedade. São temas complexos lançados em massa e reduzidos a mentiras. Muito do que a gente pode traduzir no âmbito das Ciências Sociais, seria discutir as *fake news* estruturando uma visão de cultura e de sociedade que estão extremamente deturpadas na própria sociedade. Como os pronunciamentos que se iniciaram anos atrás sobre ideologia de gênero, com toda uma visão limitada e desqualificadora de um debate profundo para o campo das Ciências

Humanas e Sociais. Comportamento que se estende para todos os aspectos relacionados a temáticas de diversidades étnica e sexual, para as questões de raça – fortemente tematizadas pela população e que são negadas pelo governo atual. As Ciências Humanas representam um ponto nevrálgico dentro desse modelo político que ocupa o governo agora. É por isso que a intenção é tão deliberada e tão direta de querer acabar com as Ciências Humanas e Sociais e reduzir a capacidade da população de pensar criticamente. A gente precisa assumir a responsabilidade de poder entrar em contato com a liberdade mesmo reconhecendo o medo.

Revista ComSertões — A gente tem visto crescer a necessidade de acolhimento online e muitos psicólogos aderiram a essa forma de atendimento. A UNIVASF, junto ao curso de Psicologia, pontualmente, oferta eventos gratuitos em ambiente virtual para acolher alunos e profissionais da instituição. Por quê a situação de confinamento, ou isolamento social, parece mexer tanto com o comportamento humano?

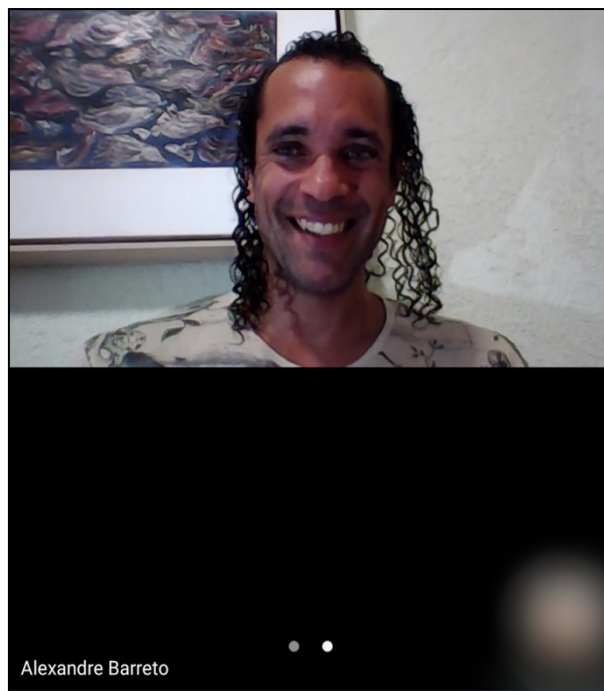
Barreto — Sabe quando a gente está num ritmo e este movimento está tão automático que a vida segue sem a gente se apropriar dos nossos caminhos e escolhas? E então vem uma interrupção brusca, por um imperativo que faz com que o ritmo não possa mais continuar? Esta situação de interdição, que impede as ações condicionadas de continuar, produz um gerador dessa possibilidade das pessoas olharem pra si. Eu acho que a sociedade não adoeceu mais com a situação de quarentena. Mas, nesse momento as pessoas passaram a sentir necessidade de cuidar. No ritmo anterior, aos trancos e barrancos, com um nível de sofrimento relativamente estável, isso era levado a segundo plano. Com essa situação do Covid-19 temos um ponto de crise que uma situação externa impõe - a geração de uma instabilidade diante das verdades. Antes, por mais que no âmago das pessoas o sofrimento não se sustentasse, elas ainda estavam nessa ilusão de querer seguir aquele caminho. Eu tenho a impressão que a situação é essa, porque se a gente acompanha os estudos epidemiológicos, o nível de sofrimento da nossa população já era muito grande. Transtornos mentais moderados ou categorizados como moderados, como depressão e ansiedade, já eram muito presentes na nossa sociedade. No Brasil, a Organização Mundial de Saúde (OMS) fez um estudo e revelou que algumas cidades o Brasil tem a maior concentração de pessoas ansiosas do mundo. Essa questão da ansiedade e da depressão, também outros transtornos como insônia e uma série de doenças, que são habituais na população adulta (doenças crônicas não transmissíveis, como hipertensão arterial e diabetes)... Isso já toma mais de 50% da população adulta. As pessoas estão adoecidas e vivendo medicalizadas, mas mantendo o comportamento padrão que é aceito socialmente. A crise da pandemia abriu a possibilidade para que as pessoas pudessem olhar e cuidar. Trago aqui a questão dos suicídios. Eu ouvi uma entrevista do Ailton Krenak e achei muito

interessante o comentário que ele fez, quando perguntaram a ele sobre o alto índice de suicídios entre índios jovens. Ele disse, “É uma situação triste e muito difícil, mas é totalmente compreensível ver que os jovens na potência da vida deles olham para esse mundo e acham esse mundo totalmente sem graça e desagradável e desistam de seguir essa jornada”. Muitos caminhos que as nossas instituições trilharam, todo esse modelo social estruturado por essa macroperspectiva do capitalismo, todo esse modelo econômico e os padrões de relacionamentos estão numa crise profunda. Isso reverbera no corpo das pessoas e reflete em seus padrões de adoecimento. A gente tem visto cada vez mais o aparecimento de doenças autoimunes entre a população. O que acontece na sociedade se reverbera em nossos estados emocionais e mentais. É uma crise generalizada. O que aconteceu foi que as pessoas, diante da possibilidade de uma crise ainda maior da realidade externa, elas foram estimuladas a olhar para uma realidade interna que não estavam olhando. É um desafio sustentar esse olhar da realidade interna, ainda mais diante do que a gente tem hoje inclusive de negação dessa pandemia. A pandemia tem perdurado, tem se alastrado e muitas pessoas já estão retomando a vida anterior, retomando o mesmo ritmo, seja pelas necessidades econômicas de sobrevivência, seja pela dificuldade das pessoas de reverem seus movimentos.

Revista ComSertões — Existem estudos que demonstram como nossos hábitos de consumo, principalmente os alimentares baseados em consumo de proteína animal, estão atrelados ao surgimento de novas doenças virais com potencial de pandemia. Nos curtos períodos em que a pandemia exigiu da sociedade a situação de *lockdown* (confinamento obrigatório), a natureza parece ter aproveitado para se autorregular e se curar. Nas mídias, surgiram muitas imagens e notícias de animais ocupando os espaços urbanos, gafanhotos que se multiplicaram e surgiram em grandes nuvens, outros insetos como escorpiões e potós apareceram aos bocados em nossa região, algumas nascentes de rios voltaram a brotar em povoados próximos às cidades de Jacobina (BA) e Jaguarari (BA)... O que a gente pode apreender destes eventos naturais?

Barreto — Eu acho um desafio a gente fazer essa escuta e encarnar isso. A partir da forma como a gente se relaciona com a natureza, faz todo sentido essa ideia de que o Covid-19 só pode ser resolvido com a vacina, sustentar essa aposta de uma resolução biomédica para a situação. Claro que é relevante a gente querer o apoio da nossa tecnologia, da nossa biomedicina para conter o nível de sofrimento e de dor de tantas mortes. Mas, o problema é muito mais sistêmico. É simplificador querer que o vírus seja amenizado com anticorpos que serão injetados nas pessoas, porque essa é uma crise de nossa relação com a nossa casa, em todos os níveis. Toda essa relação utilitária que você citou, essa relação de uso utilitário das vidas que coabitam a nossa casa – a grande casa Terra –

é um ponto crucial. Como a gente está se relacionando com as vidas que coabitam, que coexistem conosco? Ter essa dimensão da pandemia é o caminho fundamental pra que a gente possa curar. Mas isso pressupõe uma transformação social muito profunda, assim como uma transformação pessoal e existencial também. Nossa sociedade como um todo, talvez não consiga fazer essa travessia. Muitas pessoas ficarão pelo caminho, como tem ficado. É difícil a gente prever o que vai acontecer no futuro. A atitude sábia é tentar fazer essa escuta mais profunda. Eu vejo muita sabedoria, por exemplo, nos pensadores indígenas Davi Kopenawa e Ailton



Captura de tela obtida durante entrevista

Krenak, e nos pensadores pós-colonialistas, como Anival Quijano, Boa Ventura de Souza Santos e Ramón Grosfoguel. Eles tem trazido uma crítica já antiga sobre nossa relação com nosso corpo, com os outros seres, plantas e animais que coabitam o planeta, com as águas, com as montanhas, com tudo que faz parte desta interdependência para que a vida possa fluir com potência, com saúde. Sem entrar em desequilíbrio, sem esse ciclo destrutivo e esse ciclo de morte. Infelizmente, nosso governo atual e boa partes dos governos e das instituições internacionais, que regulam o mundo, estão pouco preocupados com essas questões.